

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-160107-4015>

CONVERSAÇÃO NAS AFASIAS: UMA ANÁLISE DO TÓPICO DISCURSIVO E DO TURNO CONVERSACIONAL SOB A PERSPECTIVA TEXTUAL-INTERATIVA

Caio Mira*

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Escola da Indústria Criativa

São Leopoldo, RS, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar excertos de uma interação de um grupo de convivência entre afásicos e não afásicos para demonstrar os desdobramentos do tópico discursivo e do turno conversacional. Para alcançar este objetivo, a abordagem teórica deste trabalho está fundamentada na perspectiva textual-interativa, desenvolvida na interface entre a Linguística Textual e a Análise da Conversação. As análises demonstram que os participantes afásicos do grupo, ao serem inseridos em situações conversacionais, atuam nas trocas dos turnos conversacionais e no desenvolvimento tópico, contribuindo para o engajamento e manutenção da conversação. Esses resultados possibilitam observar que, mesmo diante dos inegáveis déficits linguísticos que as afasias acarretam, os afásicos demonstram que o conhecimento das regras da conversação não está destruído ou perdido em decorrência da afecção do sistema linguístico, e reconhecem a configuração textual-interativa da conversação, manifestada pelas movimentações do tópico e pelas dinâmicas de turno.

Palavras-chave: Afasia. Tópico. Turno. Conversação.

1 INTRODUÇÃO

As situações conversacionais cotidianas, especificamente a conversação face a face, constituem o cenário básico de uso da linguagem em que nos engajamos cotidianamente com outros interlocutores em diferentes propósitos comunicacionais e interativos. A conversação cotidiana requer não só o princípio da cooperação pragmática, um conjunto de suposições amplas baseada nas máximas conversacionais de GRICE (1989) e que guiam o uso efetivo da língua na conversação, entre os interlocutores, mas, também, uma série de condições cognitivas, contextuais, sociais e linguísticas que são necessárias para uma interação bem-sucedida. O êxito de uma interação está relacionado ao modo que sequência de ações inter-relacionadas devem formar um todo coerente para que sejam compreensíveis pelos interactantes no processo conjunto de construção de sentidos. Nesse sentido, a conversação constitui um domínio empírico para a análise dos fenômenos textuais, interativos e linguísticos envolvidos na interação face a face; a conversação também revela as estratégias que os participantes de organizações sociais, em diferentes configurações, utilizam para construir e interpretar seu próprio mundo e agir nele, em um trabalho contínuo de construção e realinhamento interativo, social e comunicativo (MARCUSCHI, 1988).

* Doutor em Linguística. Professor do Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada. E-mail: cmira@unisinos.br

É importante salientar as diferenças teóricas e metodológicas entre a Análise da Conversação (AC) e a Análise da Conversa Etnomediológica (ACE). Apesar de ambas as perspectivas terem denominações semelhantes, o que pode gerar uma certa ideia de serem o mesmo campo, há distinções que marcam sensivelmente os pressupostos teóricos e o método de análise. O interesse central da ACE é constituído pelos procedimentos de análise e descrição “da ação social humana pela observação de dados de ocorrência natural dessa ação mediante o uso da linguagem, seja face a face ou ao telefone.” (GARCEZ, 2008, p. 22).

A conversa, e não a conversação, é o objeto de estudos da AC. Vale esclarecer essa distinção entre os dois termos. Para a ACE a conversa é a ação social humana face a face que ocorre pelo uso da linguagem. De um certo modo, há o uso generalizado dos termos conversa e conversação para designar o objeto de estudos da ACE e da AC, no entanto, o uso dos termos marca também uma diferença entre os campos. Para a ACE o objeto de análise não é só a conversa, compreendida como uma ação social, mas, também, a fala-em-interação, o meio em que nos engajamos um com os outros nas diversas atividades do nosso cotidiano (OSTERMANN, 2012).

A abordagem da ACE está fundamentada na tradição da pesquisa sociológica anglo-americana, tendo seu desenvolvimento ancorado na proposta de teoria social de Harold Garfinkel, a Etnomodologia. Grosso modo, a Etnomodologia considera que as ações práticas do dia a dia é uma ação lógica, constituída pelos participantes de uma interação no “aqui e agora” interacional (HAVE, 2007; PSATHAS, 1995 apud OSTERMANN, 2012).

Para a ACE, a compreensão dos fatos e das relações sociais é realizada e descrita empiricamente a partir dos microambientes sociais, nas situações cotidianas em que se engajam os falantes, nos lugares em que as relações e fatos sociais são continuamente construídos a partir da perspectiva êmica, isto é, a perspectiva dos participantes da interação a respeito das ações que ocorrem na cena interativa é o cerne do aparato metodológico da ACE. Nesse sentido, é necessário que se observe o que as pessoas estão fazendo “a partir da perspectiva do próprio local onde isso tudo está acontecendo” OSTERMANN (2012, p. 35).

Um dos traços mais marcantes que evidencia as diferenças entre a ACE e AC é a posição que a linguagem ocupa na análise das interações. O enfoque da ACE tem em seu escopo a articulação dos métodos de ação humana (por exemplo, a atribuição de responsabilidades, as explicações, os reparos) sob a perspectiva dos participantes da ação e não a descrição das formas de uso da linguagem na conversa (GARCEZ, 2008).

O surgimento da AC no Brasil está relacionado ao interesse de descrição da linguagem falada. Na década de 1980, Marcuschi, em um livro que serviu muito para divulgar o campo, salienta esse viés ao afirmar que o desempenho linguístico na fala não está apenas relacionado ao léxico ou à gramática, mas também pelos recursos verbais e não verbais. O autor destaca que essa afirmação é óbvia, porém, na língua portuguesa trata-se de uma obviedade intuitiva, pois “pouco se sabe sobre o seu funcionamento e menos ainda sobre os processos conversacionais” (MARCUSCHI, 1988, p. 6).

As palavras de Marcuschi marcam um dos principais pontos de distinção entre a AC praticada no Brasil e a ACE de tradição anglo-americana: o papel da linguagem no

aparato teórico-metodológico desses dois campos. Enquanto na ACE o cerne é a compreensão das ações e dos fatos sociais na perspectiva do falantes e a partir do uso da linguagem, na AC a linguagem ocupa uma posição central. Assim, a ACE busca analisar as ações mediante a linguagem e a AC busca compreender a linguagem e suas diversas formas de organização na cena interativa.

Para buscar compreender o uso da linguagem na conversação cotidiana, a AC estabeleceu seus princípios teóricos na Linguística Textual e na ACE em sua fase inicial, aliando a “Análise da Conversação aos demais estudos do texto e do discurso no âmbito dos estudos linguísticos; as características específicas da fala e da escrita e suas relações” (LEITE et al., 2010, p. 78). Apesar de trazer em seu escopo muitas categorias oriundas da ACE, como por exemplo o turno conversacional, os pares adjacentes e o reparo, a AC diverge desse campo ao propor que o uso da linguagem seja observado por meio de teorias que tomam como objeto de estudo o texto ou o discurso. Esse diálogo interdisciplinar imprime à AC o interesse pela investigação dos procedimentos discursivos e de seus efeitos interacionais no quadro de uma organização discursiva.

Considerando as diferenças teórico-metodológicas entre a ACE e AC, este trabalho se inscreve na AC e em sua perspectiva de enfoque textual-interativo. Acreditamos que essa opção teórico-metodológica seja capaz de demonstrar a relação das dinâmicas de turnos e a movimentação tópica nos excertos aqui apresentados, pois possibilita analisar de forma consistente as marcas textuais da construção do discurso no fluxo interacional da conversação (JUBRAN, 2006a).

O enfoque textual-interativo será utilizado em nossas análises para contemplar tanto os fenômenos relacionados ao turno conversacional como ao tópico discursivo. A opção pelo enfoque textual-interativo é devido ao caráter interativo da atividade discursiva, que se torna evidente no processo de manutenção tópica e no partilhar de conhecimento entre os participantes de uma interação e o esforço cognitivo do coenunciador no sentido de produzir inferências; enfim a disposição para “negociar” o sentido (KOCH; PENNA, 2006, p. 25).

A concepção de linguagem da perspectiva textual-interativa é fundamentada por uma abordagem pragmática que tem em seu escopo a noção de competência comunicativa, definida como a capacidade de manter a interação em situações de produção e compreensão de textos (JUBRAN, 2006a). Transpondo essa concepção de linguagem, e, conseqüentemente, a noção de competência comunicativa que subsidia a perspectiva textual-interativa para a terreno das afasias, podemos tecer alguns questionamentos interessantes. Se as afasias constituem um quadro de perda de linguagem, tanto no que diz respeito aos processos de produção quanto também aos de compreensão, é possível estabelecer a hipótese de que os participantes afásicos são capazes de manipular o turno conversacional e o tópico discursivo em situações de uso da linguagem? Em outras palavras, os afásicos demonstram possuir uma competência comunicativa, conforme é preconizada pela perspectiva textual-interativa, para participarem e para manterem a fluidez de uma situação conversacional dessas duas importantes categorias conversacionais? Para tratarmos da questão do uso da linguagem afásica na conversação, é necessário situarmos a definição linguística de afasia e as suas implicações, que ultrapassam o terreno da linguagem.

As afasias são, fundamentalmente, sequelas de um acidente vascular cerebral, de traumatismos cranianos (AVC) ou de tumores cerebrais que afetam sensivelmente a linguagem em seus vários níveis de constituição e processamento. As afasias podem afetar as formas de articulação e produção dos segmentos fonético-fonológicos, a capacidade de ordenar sintaticamente os elementos dos enunciados, a seleção de itens lexicais em situações comunicativas e os processos semânticos de compreensão e produção (JAKOBSON, 1954; LURIA, 1976, 1981). Essa concepção de afasias está fundamentada em uma idealização de um normal da linguagem.

Por este viés, as manifestações afásicas em nada teriam a ver com processos que também ocorrem na linguagem não patológica; além disso, são diagnosticadas a partir de testes de base estruturalista e normativa que têm o pressuposto de que elas são, essencialmente, um problema da ordem de uma metalinguagem estrita, ou seja, um problema de reconhecimento das estruturas e das propriedades da língua tomada como um sistema fechado em si mesmo.

A afasia não é só um problema de reconhecer e operar as unidades linguísticas, mas um problema de ordem discursiva e sociocognitiva, pois há um quadro de instabilidades provocado por um evento neurológico e suas implicações, que vão além das sequelas neurocognitivas. Indiscutivelmente, o impacto das afasias repercute no âmbito biopsicossocial. Uma das principais consequências acarretadas pela afasia é o isolamento social que é desencadeado pela interrupção da atividade de dar forma aos conteúdos de nossas experiências e de construir aquilo que é vivido em um sistema simbólico que constitui nossa realidade (VYGOTSKY, 1984; TOMASELLO, 2003, 2008). Nosso intuito, neste artigo, é aprofundar seu contorno linguístico-interacional a partir da análise de excertos de uma situação conversacional entre os participantes afásicos e não afásicos de um grupo de convivência por meio de duas categorias analíticas: o tópico discursivo e o turno conversacional.

2 DUAS CATEGORIAS PARA ANÁLISE DAS CONVERSAÇÕES DE AFÁSICOS: O TÓPICO E O TURNO

Pesquisadores da AC e da Linguística Textual concebem a noção de tópico discursivo a partir da convergência de fatores de ordem textual e de ordem interativa que estão imbricados nos processos de constituição dos textos orais. É em função dessa convergência que o enfoque textual-interativo permite analisar de forma consistente as marcas textuais da construção do discurso no fluxo interacional da conversação. No âmbito da perspectiva textual-interativa, é fundamental que o produto linguístico seja abordado a partir das marcas que os fatores interacionais imprimem na superfície textual (JUBRAN, 2006a).

A abordagem textual-interativa conforme é desenvolvida nos estudos de Jubran (2006b) apresenta uma tendência em atribuir um maior peso à dimensão textual do que à dimensão interativa para conceituação do tópico como uma categoria analítica. A autora justifica tal posicionamento em função “do estabelecimento de traços que definam uma categoria analítica operacionalizável com alguma segurança e objetividade na

identificação de unidades textuais” (2006a, p 91). Especificamente, o peso interacional do enfoque de tópico discursivo denomina o envolvimento conjunto dos interlocutores na produção de um texto, e não como o fator de demarcação tópica.

A ênfase da dimensão textual recai justamente nas propriedades que definem a noção de tópico como uma categoria analítica. São duas as suas propriedades, segundo a autora: *centração* e *organicidade*. A propriedade de *centração* assume um papel fundamental para a definição de tópico, pois é por meio dela que é possível identificar, na dinamicidade da conversação, os referentes textuais mais recorrentes que compõem um conjunto de semelhanças temáticas. Para isso, a propriedade da *centração* abrange três traços: a *concernência*, a *relevância* e a *pontualização*. A especificidade de cada um dos traços na propriedade da *centração* é a seguinte:

- a) *concernência*: relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específicos de referentes (objetos de discurso);
- b) *relevância*: proeminência desse conjunto decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) *pontualização*: localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento do texto falado (JUBRAN, 2006a, p. 92). [ênfase adicionada]

Os traços da propriedade de *centração* visam a delinear o tópico em sua materialidade textual, ou seja, apreender o conjunto de referentes dispostos na superfície do texto que apresentem entre si uma dada simetria temática. A propriedade de *centração* e seus traços são os instrumentos que permitem identificar com maior clareza (de forma menos intuitiva) o tema ou o assunto que emerge nos textos orais, estando relacionada à dimensão textual do enfoque textual-interativo da noção de tópico discursivo. Jubran (2006c) salienta que a *concernência* e a *relevância* são os traços imprescindíveis para precisar a *centração* tópica, enquanto a *pontualização* é o traço que permite localizar os limites de um segmento tópico num determinado momento da conversação.

Já a segunda propriedade da noção de tópico, a *organicidade*, diz respeito às relações de dependência tanto no plano intratópico, quanto no plano intertópico. É a propriedade de *organicidade* que permite estabelecer a abrangência dos tópicos. O plano hierárquico configura uma relação de ordenação dos tópicos, uma relação vertical em que um tópico maior se ramifica em tópicos menores em função da abrangência referencial e temática.

A coerência entre os tópicos é construída ao longo das trocas de turno pela colaboração dos falantes, desempenhando o fio condutor da atividade discursiva, que organiza a aparente fragmentação da fala (MARCUSCHI, 1998). A coerência tópica e as trocas de turnos são os fatores que possibilitam a *progressão tópica* em função da projetabilidade dos turnos. Há uma projeção de possibilidades que um elemento do turno antecedente desencadeia em relação ao próximo turno, de modo a estruturar a conversação (LEVINSON, 2007).

A relação de interdependência entre os turnos é sustentada pelo entrosamento interativo dos interlocutores, que procuram articular suas falas e mantê-las coesas e

coerentes em relação a um conjunto de segmentos tópicos, salientando-se num dado momento do evento comunicativo. No entanto, o desenvolvimento de um tópico não decorre somente em função do encadeamento de turnos, mas também em função da *progressão referencial*, que diz respeito “à introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às estratégias de designação de referentes ou formando o que se pode denominar cadeia referencial” (MARCUSCHI, 2006, p. 21).

O estudo pioneiro de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) sobre a sistemática elementar da troca de turnos representa um marco inicial dos estudos da ACE, por traçar um modelo de tomada de turnos ancorado na observação empírica dos aspectos sistemáticos recorrentes da conversação. A proposta que os autores lançam configurou-se, na realidade, nos princípios analítico-metodológicos que regem os estudos da ACE. Esses princípios são: *i*) uma abordagem rigorosamente empírica, que evita a construção de pressupostos teóricos e de julgamentos intuitivos; *ii*) a busca de padrões recorrentes em um número expressivo de conversações em contextos naturais; *iii*) ênfase às consequências interacionais e inferências que os falantes realizam nas conversações; *iv*) a explicação das propriedades sistemáticas da organização sequencial da conversa e as maneiras como as enunciações são concebidas para gerar tais sequências (LEVINSON, 2007).

A partir desses princípios, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) concebem um modelo para a dinâmica das trocas de turnos que busca estabelecer uma sistemática elementar calcada em dois elementos: as unidades de construção de turno (doravante UCT) e os lugares relevantes de transição do turno (doravante LRT). O objetivo de muitos trabalhos, no âmbito da ACE, concentrou-se na tarefa de oferecer subsídios teóricos e analíticos da organização dos turnos a partir do sistema de trocas proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Posteriormente, alguns estudos sobre a noção de turno neste campo revelam, entre outras coisas, uma forte tendência descritivista e a preocupação de definir traços linguísticos que constituem os turnos. A hipótese de que a sintaxe isoladamente não consegue abarcar as estratégias das trocas de turno torna-se mais pertinente (SELTING, 1996, 2000; FORD; FOX THOMPSON, 1996, GOODWIN, 2004, SCHEGLOFF, 2007).

Um trabalho que investigou essa hipótese também foi o de Ford, Fox e Thompson (1996). As autoras afirmam que não estão convencidas a respeito da hipótese da predominância sintática, e defendem a ideia de que os fatores extralinguísticos, não verbais, contextuais e situacionais estão envolvidos nos processos de projeção e finalizações de turno. Corroborando a tese de que a sintaxe não é o nível mais proeminente da constituição dos turnos, Schegloff (2007) reconhece que o contexto da interação desempenha um papel fundamental na construção dos turnos. Dessa forma, a admissão de fatores pragmáticos, como por exemplo fatores situacionais e não linguísticos, para designar outros mecanismos que estão fora de aparato organizacional da sintaxe e até mesmo da gramática, abre a possibilidade de questionar o que realmente determina a troca de turnos numa conversação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O fragmento do episódio conversacional que analisamos neste trabalho é parte do acervo de dados linguístico-interacionais do Grupo de Pesquisa “Cognição, Interação e Significação¹” (COGITES). Esse acervo consiste em gravações em meio audiovisual das interações ocorridas no Centro de Convivência de Afásicos, o CCA. Atualmente, o acervo conta com cerca de 450 horas de interação gravadas em vídeo, 350 horas digitalizadas e 200 horas transcritas.

Diante do amplo acervo de dados do COGITES, os critérios que nortearam a seleção dos excertos do episódio conversacional analisados no presente trabalho foram os seguintes: a configuração do grupo durante os encontros ocorridos em um ano; a recorrência de atividades de linguagem que fossem representativas do enquadre interacional *Relato do Cotidiano* e a recorrência de encontros em que os participantes afásicos apresentam maior engajamento na atividade do Programa de Linguagem e desenvolvimento do tópico e nas tomadas de turno. A escolha do tópico e do turno com categorias de análise para este trabalho está relacionada ao papel importante que essas duas categorias desempenham no reconhecimento que os participantes demonstram ter dos enquadres interativos. O tópico revela-se, na observação e na análise de nossos dados, como o fator responsável pela organização dos turnos conversacionais e dos enquadres interativos.

O CCA foi concebido como um espaço de interação para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os participantes afásicos e não afásicos a fim de contribuir para o maior entendimento da condição de afásico, e oferecer alternativas para a reintegração social desse sujeito pela convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades que a afasia implica. Os participantes afásicos que frequentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo tipo de assistência clínica necessária. Os não afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores, sendo que estes últimos desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (MORATO et al., 2002).

Os encontros desse grupo do CCA acontecem semanalmente, às quintas-feiras, em um prédio especialmente adaptado para tal finalidade, situado nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). As atividades do grupo são iniciadas, geralmente, às nove horas, estendendo-se até aproximadamente ao meio dia, desdobrando-se em duas partes principais, mediadas por uma pausa para o café preparado coletivamente: o Programa de Expressão Teatral e o Programa de Linguagem. O fragmento que analisamos no presente trabalho é proveniente do Programa de Linguagem.

¹ O grupo de pesquisa COGITES – Cognição, Interação e Significação – que reúne pesquisadores de diferentes formações, dedica-se ao estudo das relações entre linguagem e cognição por meio da descrição e análise de práticas discursivas, em especial as que envolvem indivíduos com afasia e com Doença de Alzheimer. Disponível em: <<http://cogites.iel.unicamp.br>>.

As atividades do Programa de Linguagem procuram explorar os diversos gêneros e eventos que constituem o uso da linguagem no cotidiano, tais como: diálogos, comentários, narrativas, a exposição e a discussão de notícias de jornais e revistas, as discussões sobre temas sociais e culturais diversos (principalmente de produções culturais como filmes, peças de teatro e obras literárias), comentários sobre o noticiário e a vida política do país, assim como relatos da vida cotidiana e familiar dos membros do grupo.

As atividades do Programa de Linguagem configuram-se como um evento interativo reunião. O evento interativo reunião pressupõe o direcionamento das atividades por um dos integrantes e a existência de uma pauta que organiza a ação. Durante o desenvolvimento do evento interativo *Reunião*, observamos a emergência de dois diferentes e recorrentes enquadres interativos (*Debate e Relatos do Cotidiano*). O conceito de enquadre interativo refere-se à percepção de qual tipo de situação interativa ocorre durante a conversação, de qual o sentido negociado conjuntamente pelos falantes na interação (TANNEN; WALLAT, 1987/2002, p. 188-89).

Os participantes de uma interação são capazes de perceber as alterações nas estruturas de participação que provocam a emergência de novos enquadres interativos. A consequência da emergência de novos enquadres interativos é a modificação da dinâmica dos turnos e das formas de desenvolvimento do tópico.

As formas de desenvolvimento do tópico dizem respeito a quem o instaura e os conduz mediante a estrutura de participação vigente. Esses dois fatores estão atrelados ao tipo de enquadre interativo que se estabelece durante a reunião. A emergência dos enquadres e a alteração na estrutura de participação e na forma de desenvolvimento do tópico afetam sensivelmente o engajamento dos participantes afásicos nas atividades do Programa de Linguagem do CCA.

O recorte dos dados analisados foi realizado a partir do segmento tópico e das formas de condução dos turnos, no intuito de analisar a configuração interativa e a partir dessas duas categorias conversacionais. Especificamente, os excertos apresentados neste artigo são provenientes do enquadre *Relatos do Cotidiano*. Nesse enquadre interativo, é requerido que os participantes elaborem relatos ou façam comentários a respeito de algum tópico surgido na discussão ou durante o desenrolar de alguma atividade específica na qual o grupo esteja envolvido, sendo caracterizado fundamentalmente por uma flexibilidade da estrutura de participação. Dessa forma, o sistema de trocas de turno é mais irregular, há mais sobreposições e o desenvolvimento do tópico ocorre de maneira menos dirigida, por se tratar de uma situação conversacional que é desenvolvida em um contexto institucional. Apesar do contexto das interações ser predominantemente institucional, devido às características do CCA, esse contexto é fluido, pois é possível perceber a alternância entre momentos em que a conversação é de uma natureza mais institucional e outros em que há características de conversação não institucional. Essa alternância pode ser observada em nossos dados.

O enfoque textual-interativo será utilizado em nossas análises para contemplar os fenômenos relacionados ao turno conversacional e ao tópico discursivo. A escolha do enfoque textual-interativo é justificada em função da colaboração entre os interlocutores na interação oral, o partilhar de conhecimento entre ambos e o esforço e a disposição para produzir inferências e negociar os sentidos (KOCH; PENNA, 2006).

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC e marcações propostas por Marcuschi (1998)

para a análise de interações orais, acrescidas de alguns elementos que salientam aspectos importantes para a análise das situações interativas envolvendo indivíduos afásicos, como a presença de semioses não verbais (aspectos proxêmicos, expressão facial, atitudes corporais, gestualidade, direcionamento do olhar, etc.), fundamentais para a compreensão da dinâmica interativa das atividades do CCA. Para garantir a melhor compreensão dos dados, adotamos alguns procedimentos que vale aqui ressaltar:

- a) a identificação dos participantes do CCA é feita a partir das iniciais do nome e do sobrenome. No caso dos afásicos, as iniciais estão negritadas apenas para a visualização dos dados;
- b) o texto da transcrição é apresentado em sistema ortográfico modificado;
- c) no caso de locução, são usadas as iniciais em letras maiúsculas dos participantes; quando se trata de suas condutas não verbais ou de significação não verbal, a descrição de tais aspectos segue entre parênteses.

1) Perfil dos participantes afásicos

EF é um senhor, nascido em setembro de 1942, que foi acometido por um AVC em 1988. O diagnóstico neurológico inicial foi afasia de Broca, predominantemente eferente. A produção oral de EF caracteriza-se por emissão de palavras isoladas, apresentando o que na literatura afasiológica é chamado de “estilo telegráfico”. A articulação da fala é laboriosa, gerando sequências ininteligíveis e, por vezes, criando segmentos que não pertencem ao inventário fonológico da língua portuguesa.

MG é uma senhora brasileira, nascida em abril de 1948, destra, solteira. Em 31/12/1999, sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia² à direita e apraxia orofacial. Em sua linguagem observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias³ (fonológicas em especial).

MS é um senhor brasileiro, paulista, destro, nascido em janeiro de 1946. Após o AVC, MS apresenta, como sequela, déficit motor à direita e afasia expressiva. Além de afasia, o diagnóstico de MG indica marcha parética, mantendo hemiparesia direita com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria⁴ leve, além de hemiparesia à direita.

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, dona de casa, nascida em dezembro de 1959. Em 1999 foi acometida por um AVC. Posteriormente, NS apresentou um quadro

² Perda da força muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (RAPP, 2001).

³ Parafasia, basicamente, diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre o som ou palavra pretendidos e os efetivamente realizados (RAAP, 2011).

⁴ A disartria abrange um grupo de alterações da fala que são resultantes de transtornos do controle muscular causadas por uma lesão do SNC ou periférica, havendo um certo grau de lentidão, incoordenação ou alteração do tônus muscular que caracterizará a atividade do mecanismo da fala (RAPP, 2001).

de afasia transcortical motor decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. NS, além de afasia, apresenta um leve déficit motor à direita. Em termos neurolinguísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, dificuldade de seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

SI é uma senhora nascida 1940. Ela sofreu um AVC hemorrágico em 1988. A avaliação neuropsicológica inicial foi realizada no Hospital de Clínicas da UNICAMP. Após o evento neurológico, SI apresentou discreta hemiparesia à direita, afasia semântica e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, apraxia⁵ bucofacial.

SP é um senhor nascido em março de 1933, de origem italiana, que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França, tendo se naturalizado francês. Aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou com uma afasia expressiva e com uma hemiplegia⁶ à direita, diagnosticadas no Hospital de Clínicas da UNICAMP. Sofreu novo AVC cerca de 30 anos depois, o que agravou seu quadro afásico.

2) Análise das situações conversacionais

As pesquisadoras HM e JC e os afásicos MS, NS, SP, SI e EF participavam da Atividade de Linguagem, cujos excertos estão transcritos abaixo. Naquela ocasião, o grupo recebeu dois visitantes: uma candidata a vereadora e a esposa de um dos integrantes afásicos. A candidata a vereadora foi trazida por um dos integrantes afásicos para conversar com o grupo e explicar suas propostas de campanha. A candidata apresentava os argumentos para suas propostas e os integrantes do grupo faziam questões e comentários. Após a saída da candidata, o enquadre interativo do grupo é reconfigurado. É exatamente neste momento que o Excerto 1 foi selecionado.

⁵ Apraxia é geralmente definida em termos clínicos como perturbação dos movimentos prosposicionais e da agilidade motora adquirida, que não pode ser atribuída a um problema motor primário ou a um déficit de compreensão (RAPP, 2001).

⁶ Paralisia muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (RAPP, 2001).

Excerto 1**Linhas: 19-46**

19 HM: eu sei que a dona N também não tem aqui... ela não vota
 20 MG: não tem título
 21 EF: ah
 ---> ((tira uma foto da carteira))
 22 SI: meu marido vota
 24 HM: seu marido vota né... é
 25 EF: hum ah
 ---> ((vira em direção a HM e lhe entrega a carteira de identidade))
 26 HM: mil novecentos e trinta... setenta e quatro anos
 27 EF: é:::::
 ! ((pega a identidade das mãos de HM e a guarda novamente na carteira))
 28 MG: ixi:::: tudo isso?... no::ssa ((risos))
 29 SI: ano que vem a senhora (SI) você mais véio
 30 HM: olha aqui é por isso que você reconheceu a dona L né... tá aqui na foto
 -----> ((mostra uma foto para NS))
 31 NS: é eu vi eu conheço eu conheço
 32 HM: muito simpática sua mãe... não M... nova... muito ativa... bacana
 33 MS: [isto *--->*
 ((faz sinal com o polegar um pouco antes da verbalização))
 34 MS:oi... oi-ten
 35 JC: [eu não vi as fotos
 36 HM: oitenta
 37 MS: ah... é ... uhamm...três
 ---> ((indica o número três com os dedos das mãos))
 38 NS: [[três
 39 HM: bom agora eu queria que o M explicasse o que que ele faz... tá aqui fazendo
 40 MS: ah... humm
 41 HM: o que que o senhor acha seu S?
 -----> ((ergue a foto em direção a SI))
 42 SP: ah...hummm ((emite aspirações))
 -----! ((ergue o braço em direção a HM))
 43 NS: deixa eu ver deixa eu ver
 -----> ((pega das mãos de HM a foto)) ((MG pega outras fotos sobre a mesa))
 44 HM: deixa eu pegar outra que tem aqui... tem que dar umas explicações aqui pra gente
 -----> ((pega outra foto sobre a mesa))
 45 JC: olha que... hora ele mostra pela primeira vez
 46 MS: A-CUN-PUN-TU-RA

Nesse encontro, MS trouxe fotos que estavam dispostas sobre a mesa. Na linha 21, EF tirou uma foto de sua carteira, e, a partir deste momento, o tópico anterior (“quem vota”) é encerrado e há o surgimento de um novo tópico: “relato das fotos”. Como esse tópico demanda uma atividade narrativa em que os participantes relatam a cena expressa na fotografia, há uma maior autonomia dos participantes afásicos tanto para inserir e sobrepor os turnos, quanto para agregar novos referentes ao tópico, o que favorece o surgimento de novos subtópicos. A reconfiguração do encontro pode ser observada, de uma forma geral, no segmento 21-45.

Ainda no segmento 21-45, é possível observar que os participantes afásicos lançam mão de recursos extralinguísticos (gestos dêiticos) para a construção e a inserção de seus turnos. Alguns exemplos dessa mudança nas dinâmicas de turnos são o uso de gestos para

preencher os espaços de longas pausas ou hesitações quando há dificuldades de evocação lexical ou de implementação fonética. Os gestos permitem aos afásicos manter o turno, como nos mostra a linha 37. Outro recurso constantemente utilizado pelos participantes afásicos são as sobreposições de turnos nos momentos de hesitações. Esses turnos não são propriamente tentativas de tomada de turnos; eles indicam que o falante acompanha ou segue as palavras do seu interlocutor (GALEMBECK, 1997), conforme podemos observar na linha 38.

As passagens de turnos realizadas ou facilitadas por meio de fatores que não estão estritamente condicionados aos níveis linguísticos (como por exemplo a sintaxe ou léxico, como é proposto inicialmente por Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974) revelam, neste segmento, que os afásicos manipulavam de forma muito satisfatória algumas regras do modelo preconizado pelos autores, tais como: a seleção do próximo falante, a retenção e a projetabilidade de turnos.

Um exemplo evidente das formas de projeção dos turnos nas interações do CCA é o segmento 32-45, em que transições de turnos ocorrem por meio de complementos às hesitações, uso de *promptings*⁷ orais e uso de elementos encapsuladores (linha 33 – “isto” de MS, que confirma a complementação do turno anterior). Essas evidências corroboram os estudos de Ferguson (1998) e Ford, Fox e Thompson (1996). Segundo esses autores, as unidades de construção de turno (UCT) são finalizadas e percebidas pelos falantes não somente por meio dos *gaps* sintáticos e marcas lexicais da língua, mas também por elementos vinculados ao contexto imediato da interação (conforme podemos observar os gestos dêiticos e sinalizadores nas linhas 30, 33, 37 e 41), utilizados tanto por participantes afásicos, quanto não afásicos.

Ainda que os participantes afásicos apresentem dificuldades na manipulação de determinadas estruturas linguísticas, é possível perceber que as dinâmicas de turnos ocorrem de forma muito semelhante às conversações que envolvem participantes não afásicos. O excerto 1 também indica que a estruturação da conversação não é somente garantida pelos fatores intrínsecos à língua, ou até mesmo à ideia de domínio gramatical, mas também a uma gama de fatores contextuais que emergem no âmbito do contexto imediato da interação. Esses fatores são as mudanças de enquadre, ou seja, de uma reunião dirigida para momentos de relatos do cotidiano, a percepção de que na interação há a demanda de momentos de narrativas e que é pertinente compartilhar a experiência individual com o grupo (HANKS, 2008). Na linha 39, observamos que a participante não afásica insere seu turno resgatando a fala institucional da interação. Esse tipo de retorno é recorrente e será observado em outros fragmentos dos excertos de nossa análise.

Na sequência da interação, o grupo pede a MS que relate a situação de uma das fotos (segmento 44-46). Na linha 46, MS introduz um novo referente (acupuntura), o que ocasiona uma mudança de tópico. Tal mudança é perceptível em função da introdução de um novo referente, que é desenvolvido no decorrer desse encontro, conforme podemos observar no excerto 2.

⁷ Os integrantes do CCA utilizam frequentemente os *promptings* orais no intuito de dar continuidade ao desenvolvimento do tópico e também do turno. O *prompting* oral é a pista articulatória; ou seja, é a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto articulatório ou das primeiras sequências do gesto, que compõem as primeiras sílabas da palavra pretendida (FREITAS, 1997).

Excerto 2

Linhas: 47-67

47 HM: ah e:::::

48 JC: só... acupuntura pra melhorar
-----→ ((coloca a mão na cabeça))

49 MG: você... quanto paga?

50 MS: na-da nada
--→ ((acena com a mão))|

51 NS: mas por quê?

52 JC: plano de saúde?

53 MS: NÃO ... e:::::u.
--→ ((aponta o dedo para si mesmo))

54 NS: [hospital hospital]

55 MS: isso... e::: e::::
---→ ((aponta o braço em direção a NS))

56 NS: lá na... hospital não é

57 MS: e::::... Laércio

58 JC: seu amigo

59 MS: i::sso

60 HM: o Dr Laércio o médico que faz acupuntura

61 MS: [issoé::::

62 JC: então ele... ele faz de graça por que ele é seu amigo

63 MG: eu eu... quiser ir lá... ele tam-bém faz?

64 NS: [mas por quê?

65 JC: o que é acupuntura?

66 NS: mas por quê?

67 MS: eu faço ((EF toca no braço de MS, e emite "é::::"))

A partir do momento em que MS informa ao grupo que se submete a um tratamento com acupuntura, os afásicos se engajam na atividade de discussão desse novo tópico, que é pertinente à maioria dos integrantes do grupo.

Na linha 49, a pergunta de MG (“você... quanto paga?”) promove uma primeira alteração na dinâmica de turnos da interação. De uma atividade dirigida pelas pesquisadoras, passamos a um diálogo em que principalmente duas participantes afásicas (MG e NS) alteram a estrutura de participação vigente até então, tomando a frente das pesquisadoras (HM e JC) e realizando elas mesmas perguntas sobre o tópico introduzido, no qual a pesquisadora HM desempenhava o papel de fazer as solicitações e os afásicos desempenhavam o papel de responder àquilo que lhes era solicitado. Nas linhas 64 e 66, a reiteração do enunciado de NS promove uma primeira mudança na centração do referente tópico, conforme pode ser observado nos excertos seguintes.

Há no excerto 2 um outro direcionamento da atividade, isto é, um diálogo que não é dirigido pelas pesquisadoras, mas sim pelos afásicos (MS, NS e MG). É possível observar nesse diálogo um maior número de sobreposições nos turnos e recursos gestuais que auxiliam na construção dos sentidos.

Excerto 3**Linhas: 68-77**

68 JC: a::h olha só...a N quer saber por que que na orelha
---→ ((segura a orelha))

69 NS: é por que?

70 HM: pera aí... pera aí... vamo ... vamo organizar aqui ((HM e JC tentam organizar a interação, JC gesticula com o braços indicando desordem)) por que se fica conversas.... paralelas que....a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo tá

71JC: [não dá certo

72 HM: interessado vamos voltar aqui né...então a G perguntou/o M perguntou é de graça que faz? o M falou ... é

73 NS: [é então

74 HM: é de graça por que o médico é amigo dele então ele... tá fazendo um favor... não sei...mas aí G quer

75 MS: [[isso

76 NS: [[eu sei...ah eu sei

77 HM: saber ela for lá também vai ser de graça... é isso?

Todos os participantes da atividade voltam a atenção integralmente para a discussão do tópico “acupuntura”. A inserção do subtópico “pagamento do tratamento”, realizada por MG (linha 63 – Excerto 2), suscita a adesão mais ativa dos participantes. Os participantes afásicos se interessam pelo tópico e participam da interação conjuntamente, porém de maneira heterogênea. Mesmo discutindo o mesmo tópico, os interesses de MG e NS são distintos. O interesse de MG é saber quanto MS paga pelo tratamento, enquanto NS questiona apenas por qual motivo ele se submete a esse tipo de tratamento.

No terceiro excerto, é visível a alteração do enquadre interativo. A fala de HM, na linha 70 (“pera aí... pera aí... vamo ...vamo organizar aqui por que se fica conversas.... paralelas que....a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo tá”), demonstra uma forma de promover o realinhamento da interação, já que a estrutura de participação havia sido alterada. No decorrer desse segmento, a pesquisadora HM volta a organizar as tomadas de turnos (linha 72: a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo ta interessado vamos voltar aqui né...então a G perguntou/o M perguntou é de graça que faz? o M falou ... é”, “é de graça por que o médico é amigo dele então ele... tá fazendo um favor... não sei...mas aí G quer saber ela for lá também vai ser de graça... é isso?), ou seja, ela retoma o direcionamento da interação para que a atividade volte a ser estruturada como era no início da interação, quando as pesquisadoras organizavam e distribuíam o turno entre os afásicos, no contexto de fala institucional. No entanto, mesmo após essa reestruturação, a pergunta de NS, feita na linha 69, (“é por que?”), continua sem resposta. Esse esclarecimento só ocorre a partir do segmento 96-97.

Excerto 4

Linhas: 96-106

96 NS: [mas por que aqui *---->*

((segura na própria orelha))

97 JC: calma então... pera aí

98 MS: nã:::o e
----> ((estende o braço e apanha um papel na mesa))

99 NS: por que aqui *---->* ((segura na própria orelha novamente))

100 JC: por que aqui na orelha
-----> ((segura na própria orelha))

101 HM: ah... explica então um pouquinho o que é acupuntura

102 MS: a:::h
-----> ((põe a mão na própria cabeça))

103 NS: cabelo?
-----> ((pega no cabelo))

104 EF: a:::h
----> ((põe a mão na própria cabeça))

105 NS: cabeça?

106 JC: não o cérebro... o cérebro... a afasia... o derrame
-----> ((põe a mão na própria cabeça))

O gesto que NS realiza na linha 96 (ela segura novamente na sua orelha enquanto repete e pergunta) esclarece finalmente a especificidade de sua pergunta, e instaura um novo subtópico: “o lugar do corpo onde é realizado o tratamento com acupuntura”, que configura um novo realinhamento da centração tópica em função da mudança do referente, pois no excerto 3 o referente do subtópico vigente era o motivo de MS não pagar pelo tratamento de acupuntura. As perguntas de NS, nas linhas 64-66, promovem a mudança do referente do tópico que, conseqüentemente, desencadeia o surgimento do subtópico.

O excerto 4 acima demonstra que NS e MG têm um interesse comum: saber mais sobre a acupuntura. No entanto, as formas como elas agem na interação para alcançar este interesse comum são diferentes. MS e as pesquisadoras HM e JC estão também engajadas, junto com os demais participantes, na discussão do tópico. Há alterações tanto na dinâmica de turnos e no engajamento dos participantes, quanto também no desenvolvimento do tópico partilhado por todos, especificamente na continuidade do subtópico instaurado. Os gestos de MS nas linhas 98 e 102 demonstram que ele utiliza outros recursos (além da linguagem) para a centração tópica e o para a construção do seu turno. Principalmente, na linha 102, o gesto de MS é o recurso extralingüístico responsável por desencadear a compreensão do tópico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossas análises, procuramos evidenciar as estratégias de que participantes afásicos lançam mão para os ajustes necessários à sustentação da conversação em situações concretas de uso da linguagem no interior das atividades do CCA. Os afásicos demonstram ter conhecimento dos enquadres principais que

influenciam diretamente nas formas dinâmicas de estruturação dos turnos e no desenvolvimento do tópico discursivo. Por meio desse reconhecimento, os participantes afásicos se (re)alinham às interpretações conjuntamente negociadas e de julgamentos que se confirmam ou se alteram durante a conversação.

Nossos dados também permitem observar que esses movimentos ocorrem de forma diferente nas interações dos sujeitos afásicos. Considerando as restrições de ordem linguística e comunicativa que a afasia implica, os sujeitos afásicos recorrem a outros recursos que não apenas verbais para manipular estratégias conversacionais na construção conjunta de sentidos. Se, por um lado, a utilização desses recursos evidencia os déficits linguísticos impostos pela condição afásica, por outro, eles nos permitem entrever que o conhecimento das particularidades do uso da linguagem e das propriedades da conversação não é prejudicado pela afasia.

Goodwin (2004) analisa alternativas linguístico-comunicativas de uma pessoa afásica com importante dificuldade expressiva. No texto, o autor critica a concepção de competência chomskiana (reduzida à forma gramatical e individual da expressão verbal), baseada na distinção competência *versus* performance. O autor demonstra que os afásicos podem atuar em situações comunicativas, em conjunto com seu interlocutor, de forma criativa e apropriada a seus propósitos conversacionais ou discursivos com os recursos linguísticos e não linguísticos disponíveis. O uso desses recursos, que são o foco do estudo de Goodwin, estão presentes nos dados, permitindo constatar que os afásicos demonstram a sua capacidade de participar das situações conversacionais por meio de elementos não linguísticos que lhes possibilitam contribuir para a fluidez da conversação.

Os dados analisados corroboram a tese de Ford, Fox e Thompson (1996) no que diz respeito à configuração dos turnos nas práticas conversacionais do CCA. Dessa forma, a tese da regularidade do sistema de troca de turnos, que opera a partir das UCTS constituídas a partir da regularidade da sintaxe, conforme é preconizado por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), não consegue ser comprovada integralmente em nossos dados.

O papel do tópico nas interações do CCA é importante, pois é a partir de sua movimentação que as configurações do enquadre das atividades do CCA são reconhecidas pelos participantes. O tópico sofre alterações por parte dos afásicos, o que origina o surgimento de subtópicos, digressões e até mesmo novos tópicos.

Como em qualquer outra interação, a progressão tópica (produto do engajamento comum do grupo) ocorre na medida em que os aspectos semânticos e textuais da interação passam a ter sentido para os participantes do grupo. Sendo assim, assumimos que a forma linguística dos turnos não é o único ou mesmo fator principal responsável pela conversação, mas sim um conjunto de fatores textuais e extralinguísticos e contextuais, relacionados à configuração do enquadre interativo e à movimentação tópica.

Os dados também demonstram que não há ausência ou presença incipiente de atuação dos afásicos na manipulação do turno conversacional ou do tópico discursivo, ainda que encontremos formas diferenciadas do uso destas categorias conversacionais. Diferenciadas não no sentido de serem totalmente alteradas ou deturpadas pelas afasias, mas diferenciadas justamente pelo fato de que o CCA é um grupo socialmente organizado que propicia um espaço de convivência e de práticas de linguagem. Nesse sentido, é

possível postular que os afásicos, ao serem inseridos em práticas conversacionais, demonstram a emergência de uma competência mobilizada pela força da linguagem (de sua estrutura em uso) e por outros processos semiológicos que a constituem, o que pode ser observado em nossos dados.

Trata-se de uma competência que não se reduz à simples capacidade metalinguística e que, analisada em meio aos episódios conversacionais, não se perde ou se destrói necessariamente nas afasias (MORATO, 2005a, 2005b; MORATO, 2008). Assim, é possível considerar que afásicos exibem uma competência textual-interativa ao manipular satisfatoriamente, em relação a seus propósitos interativos, o tópico discursivo e o turno conversacional.

A nossa hipótese de que os afásicos não perdem uma competência relativamente à linguagem, que lhes permite interagir nas situações conversacionais, manipulando de forma satisfatória os turnos conversacionais e contribuindo textual e pragmaticamente para o desenvolvimento do tópico, é demonstrada em nossas análises. Mesmo diante dos inegáveis déficits linguísticos que as afasias acarretam, os afásicos demonstram que o conhecimento das regras da conversação não está destruído ou perdido em decorrência da afecção do sistema linguístico e reconhecem a configuração textual-interativa da conversação, manifestada pelas movimentações do tópico e pelas dinâmicas de turno (MIRA, 2012).

REFERÊNCIAS

- FERGUSON, A. Conversational turn-taking and repair in fluent aphasia. *Aphasiology*, v. 12 n.11, p.1007-1031, 1998.
- FORD, C; FOX, B; THOMPSON, S. Practices in the construction of turns: the 'TCU' revisited. *Pragmatics*. International Pragmatics Association. v. 6, n. 3, p. 427-454, 1996.
- FREITAS, M. *Alterações fono-articulatórias das afasias motoras: um estudo linguístico*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- GALEMBECK, P. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 3. ed., 1997.
- GARCEZ, P. M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L.L.; JUNG, N.M. (Org.). *Fala-em-interação social: uma introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, SP, 2008, p. 17-38.
- GOODWIN, C. A competent speaker who can't speak: The social life of aphasia. *Journal of Linguistic Anthropology*. Los Angeles, v. 14, n. 2, p. 151-170, 2004.
- GRICE, H. *Studies in the way of words*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.
- HANKS, W. O que é contexto? In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C; MACHADO, M. A. R. (Org.). *Língua como prática social: das relações entre língua cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008. p.169-201.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954/1981.
- JUBRAN, C. C. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n.1, p. 33-44, 2006a.
- _____. O tópico discursivo. In: JUBRAN, C.C.A.; KOCH.I.G.V. (Org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1, 2006b. p. 89-132.
- _____. Introdução. In: JUBRAN, C.C.A.; KOCH. I.G.V. (Org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1, 2006c. p. 27-38.
- MIRA, Caio. Conversação nas afasias: uma análise do tópico discursivo e do turno conversacional sob a perspectiva textual-interativa. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 133-152, jan./abr. 2016.

- KOCH, I. G. V. .; PENNA, M.A.O. Construção e Reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n.1, p. 23-31, 2006.
- LEITE, M.Q. et al. A análise da conversação no Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Letras e Linguística. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.) *Linguística textual e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 49-90.
- LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LURIA, A. R. *Basic problems of Neurolinguistics*. The Hague: Mouton, 1976.
- _____. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: EDUSP, 1981.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. Referenciação e progressão tópica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n.1, p. 07-22, 2006.
- MIRA, C. C. C. R. *Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos*. 2012. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- MORATO, E. M. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. et al. *Sobre as afasias e os afásicos*. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Campinas, Ed. Unicamp, 2002.
- _____. et al. *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de (CCA-IEL/UNICAMP)*. Processo FAPESP 03/02604-9. Depto. de Linguística – IEL/UNICAMP, 2005a. (Relatório de Pesquisa)
- _____. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005b. p.243-264.
- _____. Da noção de competência no campo da Linguística. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Situar a língua(gem)*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 39-65.
- OSTERMANN, A. C. Análise da Conversa: O estudo da fala-em-interação. In: OSTERMANN, A. C.; MENEGHEL, S. N. *Humanização, gênero, poder: Contribuição dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Mercado de Letras, 2012, p. 33-43.
- RAPP, B. *The handbook of cognitive Neuropsychology: what deficits reveal about the human mind*. Philadelphia: Psychology Press, 2001.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Tradução de Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago et al. *Veredas*, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p. 9-73, jan./dez. 2003.
- SCHEGLOFF, E. *Sequence organization in interaction*. v.1. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SELTING, M. On the interplay of syntax and prosody in the constitution of turn-constructional units and turns in conversation. *Pragmatics*. International Pragmatics Association. v. 6, n. 3, p. 371-388, 1996.
- _____. The constructing of units in conversational talk. *Language In Society*, London. v. 29, n. 4, p. 477-517, 2000.
- TANNEN, D; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p.182-196. (Originalmente publicado em *Social Psychology Quarterly*, n. 50, 1987).
- TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Origins of human communication*. Cambridge: MIT Press, 2008.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ANEXO: SISTEMA DE NOTAÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(3s)	MS: ã:::ham (3s) centro <i>indica 3 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	---	Maria Éster... - dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...- Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Sobreposição	[apontando o local onde ocorre a sobreposição	MG: Nova Iguaçu JM: [ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----* ((aponta com o dedo))

Fonte: Morato et al., 2005a.

Recebido em: 19/11/15. Aprovado em: 22/02/16.

Title: *Conversation in aphasia: An analysis of the discursive topic and conversational turn under a textual-interactive perspective*

Author: *Caio Mira*

Abstract: *This article aims at analyzing excerpts of an interaction in a group of practice of aphasic and non-aphasic people in order to demonstrate the developments of the discursive topic and the conversational time. To achieve this goal, the theoretical approach of this work is grounded in the textual-interactive perspective, developed at the interface between Textual Linguistics and Conversation Analysis. The analyses show that the aphasic group members, when inserted in conversational situations, act in exchanges of conversational time and development of the topic, contributing to the engagement and maintenance of the conversation. These results enable an observation that even up against undeniable linguistic deficits entailed by aphasia, aphasics demonstrate that the knowledge of conversational rules have not been destroyed or lost as a result of the condition of the linguistic system. They also recognize the textual-interactive configuration of conversation expressed by movements of the topic and dynamics time.*

Key words: *Aphasia. Topic. Time. Conversation.*

Título: *Conversación en afasias: un análisis del tópico discursivo y del turno conversacional sob la perspectiva textual-interativa*

Autor: *Caio Mira*

Resumen: *Ese artículo tiene el objetivo de analizar extractos de una interacción de un grupo de convivencia entre afásicos y no afásicos para demostrar los desdoblamientos del tópico discursivo y del turno conversacional. Para alcanzar este objetivo, el abordaje teórico de este trabajo está basado en la perspectiva textual-interactiva, desarrollada en la interface entre la Lingüística Textual y el Análisis de la Conversación. Los análisis demuestran que los participantes afásicos del grupo, cuando inseridos en situaciones conversacionales, actúan en los cambios de los turnos conversacionales y en el desarrollo tópico, contribuyendo para el compromiso y manutención de la conversación. Eses resultados hacen posible observar que, mismo delante de los innegables déficits lingüísticos que las afasias traen, los afásicos demuestran que el conocimiento de las reglas da conversación no están destruidos o perdido en resultado de la afección del sistema lingüístico y reconocen la configuración textual-interactiva de la conversación, manifestada por los movimientos del tópico y por las dinámicas del turno.*

Palabras-clave: *Afasia. Tópico. Turno. Conversación.*